

“Massália, cidade foceia: mito ou realidade?” Observações a partir da relação porto-cidade*

Adriene Baron Tacla**

TACLA, A.B. “Massália, cidade foceia: mito ou realidade?” Observações a partir da relação porto-cidade. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 12: 111-123, 2011.

Resumo: Em 1973, Roland Martin definiu Massália como a cidade foceia por excelência. Desde então muito tem-se especulado a respeito das relações dessa *apoikia* com sua cidade-mãe, Foceia, e a conseqüente manutenção de sua rede comercial e cultural no Mediterrâneo ocidental. Nesse sentido, os estudos acerca da identidade massaliota têm seguido rumo à definição de seu caráter singular, da mesma forma que análises das cidades foceias no ocidente têm questionado a existência de um modelo foceu de cidade. Com esse cenário em mente, propomos, nesse trabalho, retomar a discussão da questão do caráter foceu em Massália. Tendo por base os achados arqueológicos, em particular aqueles do antigo Lacydon, bem como a documentação textual acerca dessa fundação colonial, discutiremos como porto e cidade se articulam na construção do “ideal” de cidade foceia e da identidade dos massaliotas em particular.

Palavras-chave: Urbanismo – Morfologia urbana – Porto – Colonização grega – Massália – Identidade.

Introdução

No senso comum, Marselha é a cidade portuária por excelência. Cidade de mercadores, navegantes, piratas e contrabandistas, mais próxima do Mediterrâneo do que da França em si. Em 1899, foi

celebrado em Marselha o XXV centenário de sua fundação. A festa tinha como tema a narrativa de seu mito de fundação – desde a chegada dos foceus, sua recepção pelo rei lígure, o convite para que o oikista se juntasse ao banquete de casamento da princesa lígure e sua, conseqüente, escolha para es-

(*) O presente trabalho consiste em versão modificada das apresentações que fizemos no XIX Ciclo de Debates em História Antiga realizado pelo LHIA/UFRJ e no XVII Congresso Nacional de Estudos Clássicos realizado pela SBEC na UFRN (ambos em 2009), onde divulgamos os resultados parciais de nossa pesquisa de pós-doutoramento, realizada no Labeca/ MAE/ USP sob supervisão da Prof^a. Maria

Beatriz Borba Florenzano em 2008-2009 e com financiamento da FAPESP.

(**) Professora de História Antiga da Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Representações e Imagens da Antiguidade (NEREIDA). adrienebt@yahoo.com.br

poso da princesa.¹ A relação com os focéis é marcada tanto nos planos de decoração da festa (Fig. 1), quanto nos estágios da celebração (Fig. 2), que culminou com a oferta de um presente dos achados arqueológicos da Focéia à cidade de Marselha. Com isso,

exaltava-se o caráter de Marselha, que desde sua fundação seria, “uma cidade anterior a todas as outras da França, uma cidade de cultura e de fortuna, nascida da união de um estrangeiro e de uma autóctone...” (Morel-Deledalle 1999: 11).



Fig. 1. Desenho da decoração do cais do porto de Marselha em 1899 na celebração do XXV centenário de sua fundação (Morel-Deledalle 1999: 10).

Fig. 2. – Entrada das pentecontéres no porto de Marselha nas festividades de 1899 (Morel-Deledalle 1999: 12).



(1) Essa versão do mito de fundação de Massália nos é reportada por Ateneu (XIII.576) e Justino (XLIII.34). Já na versão narrada por Estrabão (4.1.4) não há um casamento entre *oikista* e indígena, mas sim um oráculo de Artemis de Éfeso que orienta a viagem e a fundação, estabelecendo Aristarcha como sua sacerdotisa e fundadora da nova colô-

nia. Ressaltamos, porém, que esses mitos não são o objeto central do presente trabalho; donde, não nos propomos, aqui, a fazer uma análise deles, mas somente apontar como são eles a base da atribuição popular da “herança” focéia de Massália.

Mas seria uma tal visão completamente distante das informações que temos da cidade de Marselha na Antiguidade? Esse caráter híbrido, definidor da cidade portuária, pode ser de fato evidenciado nos achados antigos?

A cidade foceia

A idéia de Massália (a antiga Marselha) como a cidade foceia por excelência foi definitivamente estabelecida na historiografia por Roland Martin. Dizia ele que:

“.....o primeiro grupo de cidades com vocação comercial, que (...) seria tentado a designar sob o nome de tipo foceu (...), se define menos pela *khóra* do que pelos traços de um sítio adaptado à sua função. Elas escolhem uma posição fácil de defender: ilha (...) ou melhor promontório dominando uma ou várias baías favoráveis à instalação de porto...” (Martin 1987: 583).

Para ele, a definição desse caráter foceu de cidade se encontraria demarcado em três pontos de aspecto físico da cidade: 1) na paisagem escolhida, 2) na planta da cidade (porto, muralhas, *diatēkhisma*), 3) na ocupação do território, isto é, na formação da *khóra*. E por serem cidades comerciais, sua maior preocupação seria para com a proteção do porto e da cidade.

Desde a publicação dessas idéias em artigo em 1973, depois incluído na coletânea que compôs sua obra clássica de Arquitetura e Urbanismo (em 1987), muitos foram os pesquisadores que investigaram as relações dessa apoikia com sua cidade-mãe, e a conseqüente manutenção de sua rede comercial e cultural no Mediterrâneo ocidental.

Esse modelo de cidade foi, porém, contundentemente combatido por Bats e Tréziny (1999), que procuraram demonstrar não haver uma homogeneidade nem na arquitetura, nem no urbanismo, nem tampouco na topografia da Foceia, de suas colônias (Lampsakos, Massália, Eléia, Alália e Empóriorion) e das colônias massaliotas (como por exemplo Olbia e Agathé). Para eles, as grandes variações de natureza e caráter de achados em todas essas cidades, bem como as inúmeras limitações de pesquisa arqueológica impediriam a defesa de tal modelo. Ademais, a

seu ver, se a definição mais elementar do modelo reside na prática da *emporía*, então, ele de fato deveria ser estendido a diversas outras cidades coloniais helênicas.

Certamente, é preciso concordar com Bats e Tréziny que é fundamental atentar para as especificidades locais e para as diferentes experiências coloniais e urbanísticas. Isto porque cada diferença regional, seja ela de caráter topográfico, sócio-político, econômico ou cultural, há de produzir resultados (e experiências) distintos. Mais ainda, em contextos coloniais deve-se também atentar para as diferentes formas de interação com as populações indígenas, posto que delas advêm sociedades disparees, porque híbridas.² Todos esses aspectos têm, de fato, gerado uma nova tendência de reflexão sobre o fenômeno urbano no Mediterrâneo, em particular em contextos coloniais. Nesse sentido, veja-se o debate em Osborne e Cunliffe (2005).

Entretanto, diante da argumentação de Bats e Tréziny, devemos nos perguntar:

1) Em primeiro lugar, se as diferenças de natureza das fundações também não seriam preponderantes para distinguir essas cidades entre si; afinal estamos a falar de três tipos de fundações coloniais – *apoikia*, *emporion* e *epiteikhisma*.

2) Quais os pressupostos para se definir um modelo?

3) O que efetivamente determina o caráter “foceu”, se assim podemos chamá-lo, nessas fundações e em Massália em particular?

Das fundações coloniais

Quando se trata dos assentamentos coloniais helênicos da época arcaica, dois são

(2) Devemos, aqui, destacar que o conceito de “hibridização” difere substancialmente daqueles de “mestiçagem”, “assimilação” ou “sincretismo”, porquanto, apesar de implicar a idéia de uma aliança, afasta-se da ótica colonialista e envereda pela abordagem das formas do fenômeno colonial a partir das vias de negociação, sem recair em polarizações binárias do tipo colonizador x colonizado, dominante x dominado. Híbrida, segundo Bhabha (2006), é uma cultura terceira, nova, que não pode ser reduzida à uma mera soma de práticas e características das duas culturas originais em uma nova disposição.

os termos que ocorrem: *apoikía* e *empóron*. O primeiro é comumente definido como "um lar longe de casa" (LSJ), donde *apoikía* é empregado para designar a colônia em si, um estabelecimento independente (política e economicamente), fundado por um *oikista* (que passa a ser cultuado pela coletividade) e que possuía aliança (política e/ou econômica), além de fortes laços culturais, com sua cidade-mãe. Um *empóron*, por outro lado, é tido como um entreposto comercial ligado a um porto, dependente de outro assentamento (seja ele uma cidade-mãe ou sua *apoikía*) e cuja fundação, ao contrário das *apoikías*, não teria a figura de um *oikista*, nem mitos de fundação. De modo geral, seria este o típico assentamento do período de pré-colonização (cf. Roberts 2005). Casevitz (1993: 9-20), porém, alerta que *empóron* é simplesmente o local onde se exerce a *emporía*, ou seja, diferentemente de Bresson (1993) para quem esse termo designaria não só o sentido econômico de uma fundação, mas também um específico caráter político e jurídico; o que para Wilson (1997: 110), gera um modelo que extrapola a especificidade da atividade comercial grega arcaica. Por isso, a seu ver, a definição de Casevitz seria a mais apropriada ao caso grego, uma vez que mantém o caráter genérico do termo. Com efeito, demonstra Wilson que é no período clássico que se define uma oposição entre *apoikía* e *empóron*, sendo no período arcaico uma distinção ainda difusa; o que sugere a necessidade de outros critérios para que se defina uma tipologia desses assentamentos em contexto colonial (Wilson 1997: 113).

Na própria documentação textual, a definição desses termos se mostra complexa. Não só porque *apoikía* também poderia designar a "comunidade emigrante" (Hansen 2004: 150, n.2), como também porque há casos de *empória* que se tornaram *apoikías* e, posteriormente, *pólis* – como é verificado no Mar Negro e na Espanha, por exemplo. As escavações dos *empória* têm mostrado que eram eles não somente locais de negociação comercial, mas também de produção artesanal (Tsatskheladze 2006: xli). Logo, evidencia-se a necessidade de enfocarmos a natureza primeira do assentamento, juntamente com sua *koiné*, o sistema de fundações em que se inseria e sua forma de lidar com a alteridade.

Neste sentido, para o caso das colônias de tradição foceia, temos não somente *apoikía* (Massália, Alalia, Eléa e Lampsakos) e *empória* (a própria *Empóron*, Rhodes e possivelmente Hemeroskopéion e Mainake³), mas também *epiteikhísmata* (Agathé, Nikaia, Olbia, Tauroeis) (Fig. 3). Essas últimas foram fortalezas criadas por Massália a partir do séc. IV a.C. para garantir a rota costeira no sul da França. Com esse desenvolvimento posterior e em contexto tão diferente daquele das colônias foceias do séc. VI a.C., não podemos presumir que Agathé e Olbia seguissem estritamente um modelo de cidade foceia da época arcaica. Depois, temos ainda que dentre os *empória* da Península Ibérica não há também um padrão específico de planejamento de assentamento; ao contrário, a maior parte deles é composta de comunidades mistas, estabelecidas em assentamentos indígenas (cf. Dominguez 2002).

O que se destaca sobremaneira é que todas essas fundações coloniais, independentemente do período ou região, eram assentamentos voltados para o comércio, providos de bons portos naturais e vinculados a uma *koiné* foceia. Porém, cada um desses três tipos de assentamentos evidencia atitudes distintas ante a alteridade. Em outras palavras, a nosso ver, é na identidade cultural e na relação porto-cidade que podemos encontrar o dito caráter foceu de cidade.

Porto e cidade: Foceia e Massália

No caso específico do porto, é de Massália que temos os dados mais substanciais, como detalhamos em outra oportunidade (Tacla et alii, 2011). Isto porque, não só temos poucos dados acerca dos portos helênicos da época arcaica de modo geral, como, para o caso das fundações

(3) De Hemeroskopéion temos somente referências textuais que a colocam como uma *polikhnia* (pequena cidade) dos massaliotas localizada entre o rio Jucar e Nova Cartago (Estrabão 3.4.6, 3.4.19), não havendo, pois, achados arqueológicos, enquanto que de Mainake erroneamente, relacionada por Avieno (427-431) à Malaka (que era fenícia), só se sabe que se tornou uma *pólis* dos massaliotas (Hansen, 2004, pp. 161-162).

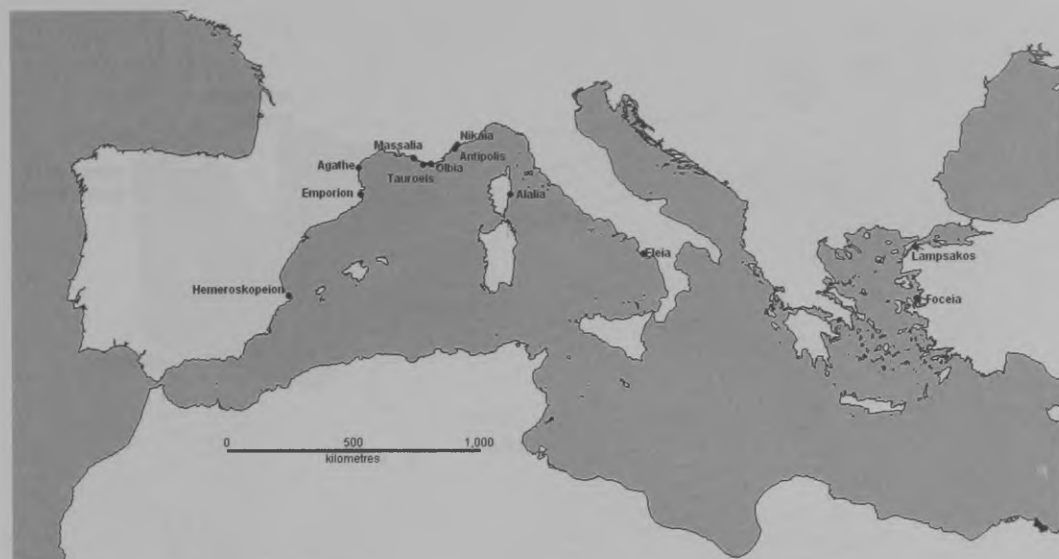


Fig. 3. Fundações da rede colonial focéia.

focéias, até o presente momento, só dispomos de conhecimento de um santuário portuário em Focea (sem paralelos em suas colônias), quebra-mares (em Empórior e Massália) e, nesta última, também temos dois cais datando desta época; o que confirma a tendência de achados de portos helênicos da época arcaica (cf. Blackman 2008).

A Focea localizava-se ao fundo de uma grande baía, tendo um promontório rochoso (acrópole) de altitude média, delimitado por portos a Norte e a Sul. Alguns acreditam que pudesse ter sido uma ilha (cf. Sartiaux 1921: 122-124, citando o trabalho do geólogo Dallo-ni). A cidade se encontrava em terra firme, sobre área assaz estreita limitada a Leste por colinas íngremes, a Oeste pelo mar, a Sul e a Norte pelas muralhas, com cerca de cinquenta hectares. É, com efeito, uma das poucas cidades jônias com muralhas. Seu traçado urbano é pouco conhecido (as escavações recentes revelaram algumas habitações arcaicas) e de seu porto só possuímos uma descrição de Tito Lívio (37.31) que afirma estar a cidade entre dois portos – um grande e outro menor (Fig. 4).

Já no que se refere ao porto de Massália (Fig. 5), temos uma concordância quanto à localização do porto tanto na documentação textual quanto na arqueologia, isto é,

“... um plano de água fechado pela passagem natural, as estruturas portuárias estando instaladas ao longo da margem norte, ao pé da cidade (...) [e] nenhum traço da muralha fora encontrado próximo ao mar...” (Hermay *et alii* 2001: 162).

Afora isso, os estudos paleoambientais do porto de Massália empreendidos por Millet, Blanc e Morhange (2000: 63) mostram que “a circulação das águas no velho porto é caracterizada por correntes muito fortes...” e os setores onde são elas mais calmas “coincidem” com os setores dos achados arqueológicos deste porto na Antiguidade – nas extremidades da margem norte (Fig. 6a-b). Se a isto também aplicarmos os critérios de legibilidade e imaginabilidade da cidade de Lynch (1960), veremos que a morfologia urbana massaliota é dominada pelo porto, que também define a singularidade do espaço físico dessa cidade.

“Uma tal imagem da cidade de Massália também aparece na documentação textual, a exemplo dos relatos de Avieno (704-713) e Estrabão (4.1.4), o qual descreve a organização da cidade como um teatro sobre o porto, sendo este o traço mais marcante de sua forma. Esses dois relatos, assim como os achados arqueológicos do porto e da cidade de Massália mostram-no inserido na grade urbana dessa cidade, não

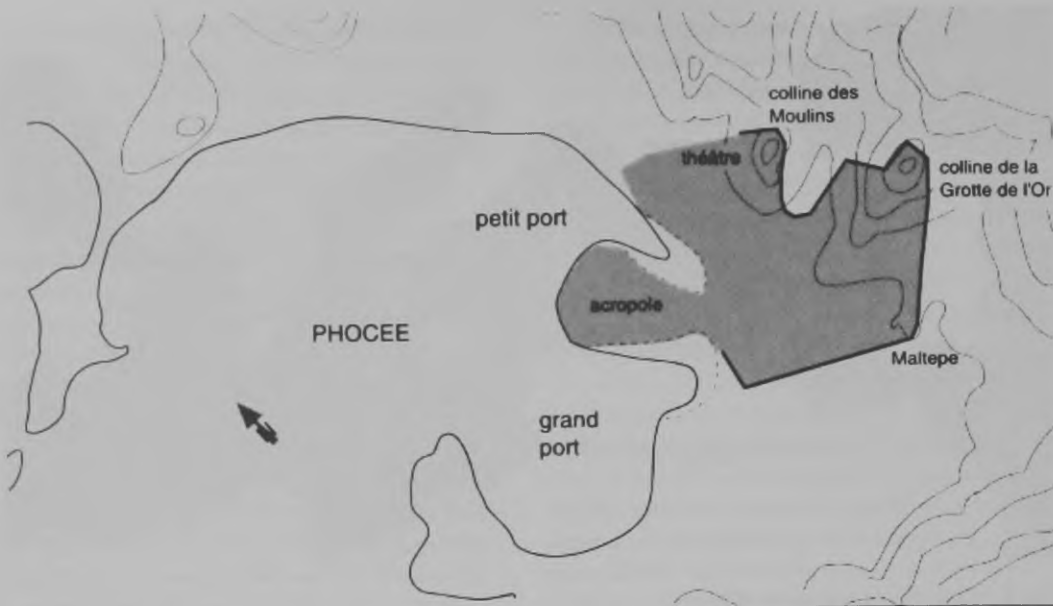


Fig. 4. Porto e das muralhas da Focea – desenho de Tréziny (Hesmary et al. 1999: 28).



Fig. 5. Massália arcaica (Hesnard et al. 2001).

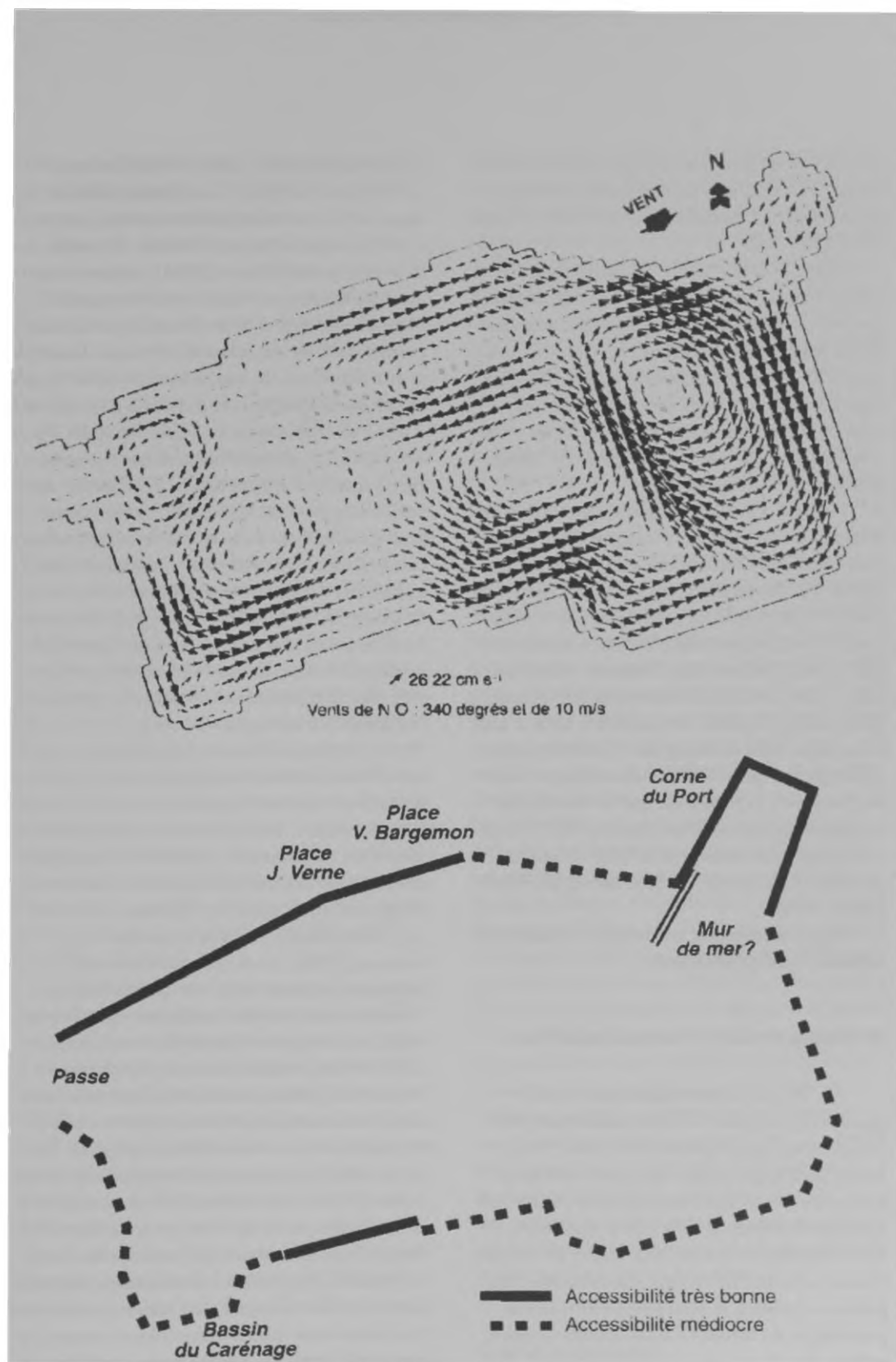


Fig. 6. a) Mapeamento de circulação das águas no porto de Massália em 600 a.C.; b) Mapeamento aproximado das facilidades de aportamento às margens do porto de Massália em 600 a.C. (Milet, Blanc e Morhange 2000: 62).

estando ele isolado por muralha como enfatiza Hesnard (2001), mas naturalmente protegido pela formação topográfica da localidade." (Tacla *et alii* 2011: 186)

Aqui, devemos ressaltar que os portos helênicos eram por excelência portos naturais, que ofereciam boas condições de ancoragem e abrigo (tanto contra intempéries como contra pirataria). Assim, os achados de Massália, bem como de outras cidades helênicas, mostram uma intervenção mínima no porto arcaico (em contraste com os desenvolvimentos do mesmo nos períodos subsequentes).

Por outro lado, os relatos antigos acerca de Massália criam também a imagem dessa cidade com identidade fundamentada em sua herança focea. Tal, obviamente, se configura como uma forma de afirmação da própria cidade e de seu corpo cívico, legitimando-se como colonial e não híbrida frente à dita "barbárie" que a cercava; o que, por sinal, demonstra uma postura bem distinta daquela de Empórior com relação à interação com os indígenas. Entretanto, isso não significa que fosse ela culturalmente isolada, haja vista os relatos de que os massaliotas se vestiam como os iberos (Ateneu XII.523b-c) e os achados de casas com telhado de colmo no interior da cidade (cf. Hermary *et alii* 1999; Morel 2006).

Mas, então, o que nos permite afirmar ser Massália uma cidade focea?

A cidade portuária e o éthos colonial foceu

Como argumentamos em outra ocasião (Tacla *et alii*, 2011), a cidade portuária constitui um tipo específico de cidade, isto é uma cidade cuja forma e imagem é orientada para e pelo porto. É a cidade voltada para o mar e para a alteridade que ele traz e representa. Para compreendê-la é preciso, então, ver que há uma correlação direta entre sua natureza, vida política e política de relacionamento com as populações do interior e com aquelas de além mar.

Vários trabalhos recentes têm contestado a visão tradicional do colonialismo antigo (em particular os trabalhos de Dietler (2005),

Malkin (2001, 2003, 2004, 2005), Osborne (1998), Stein (2005) e Tsetskhladze (2006)), destacando a relevância da etnicidade para o estudo das colonizações helênicas. É preciso destacar que, como Wilson (2006), concordamos que não há um processo ou movimento colonial helênico uno e homogêneo, o que só nos permite falar de *colonizações* helênicas, desde que se entenda esse conceito como indicador "... do ato de impor dominação política a populações e territórios estrangeiros..." (Dietler 2005: 54). No caso foceu em particular, temos a existência do que Dominguez (2002: 67) chamou de "colonialismo sem colonização", posto que podemos verificar a existência de um substrato cultural comum orientando a prática colonial, o qual está diretamente relacionado à formação de uma rede de comércio de longa-distância no final do período arcaico e, por conseguinte, dependia da criação de assentamentos portuários e de vias de relacionamento com as populações indígenas. Como aponta Lomas,

".... os focos trouxeram consigo um senso bem definido de sua identidade cultural como *pólis* para o ocidente no meio do século VI a.C. Não obstante, a maior parte dos assentamentos focos era de pequenos *empória* com etnicidade mista, apenas alguns deles desenvolveram completa identidade poliade..." (Lomas 2006: 176).

Neste sentido, e como argumenta Dominguez (2004), havia uma forte identidade focea nas colônias, a seu ver caracterizada por "frutíferas relações com indígenas vivendo nos territórios em que os gregos estavam interessados" De fato, entende ele que o fator preponderante da política colonial (e comercial) focea seria fundamentado em boas relações e laços de amizade com as autoridades indígenas. Tal certamente encontra respaldo nos relatos de Estrabão (3.4.8) e Tito Lívio (34.9) que comentam as interações próximas entre gregos e iberos em Empórior, assim como nos mitos de fundação de Massália, que, como mencionamos no início deste trabalho, colocam uma ênfase considerável nos casamentos mistos entre colonos gregos e a população local. Da mesma forma, também podem ser corroborados pelas cartas de comércio de Pech Maho e Ampurias (cf. Chadwick 1990; Rodríguez Somolinos 1996; Santiago 2003)

e pelos achados arqueológicos que indicam a prática do comércio fundamentada na *xenia*. Contudo, isto não seria privilégio focueu.

Primeiro, porque uma forte convivência entre indígenas e helenos é também encontrada na Sicília, na Magna Grécia e no Mar Negro. Depois, porque os mitos de fundação não podem ser tidos como descrição acurada e precisa da realidade nessas colônias; antes de tudo, são eles uma exaltação dos heróis fundadores e, por conseguinte, de seus descendentes e da própria cidade. Em terceiro lugar, porque, como demonstra Mele (1979) e verifica-se nos achados arqueológicos do Mar Negro (em especial nas tumbas trácias – cf. Tsetskhladze 1998), as trocas do período arcaico entre helenos e não helenos seriam sobretudo guiadas pela prática da amizade-hospitalidade, compartilhada tanto por helenos quanto por bárbaros (cf. Tacla 2001). Por fim, o caráter híbrido e de forte interação encontrado nas fundações focéias não é de fato um “diferencial” focueu, mas sim o caráter distintivo e demarcador das cidades portuárias em si. Em outras palavras, é a natureza da cidade portuária como nó de entrecruzamento de rotas e trajetos, local de transferência de transporte marítimo para terrestre, além de foco produtor, que garante essa proximidade entre helenos e não helenos, promovendo intensas trocas culturais e produzindo sociedades “multi-étnicas” e, portanto, híbridas.

Diante disso, devemos nos perguntar o que nos permite considerar a existência de um “diferencial” focueu. Primeiramente, temos que há a clara definição de uma única rede comercial unindo as fundações focéias, o que levou Morel (1999) a denominá-la como o “*commonwealth* focueu”. As relações entre elas são demarcadas também pela ajuda mútua em caso de guerras como a batalha de Alalia e a recepção dos refugiados da Focea e depois de Alalia tanto em Massália quanto em Eléia e Empóron. Há também uma inscrição epigráfica (I. Lampsakos 4.26)⁴ que atesta laços de amizade entre Massália e Lamp-

sakos (a primeira fundação focéia, localizada na costa propôntica da Ásia Menor). A isso soma-se a manutenção de ritos e práticas rituais da Jônia nessas colônias, como atestam o culto a Artemis de Éfeso, Apolo e Atena em templos erigidos nessas localidades, bem como a ocorrência de *naískoi*, que provavelmente estariam como santuários abertos nas ruas de Massália, Eléia e Empóron, tal qual em diversas cidades jônicas (cf. Hermary 2000). Poderíamos, ainda, mencionar a existência de um estilo arquitetônico monumental comum a essas fundações, apesar de diferenças locais, que sugerem hibridização como as casas com telhados de colmo encontradas em Massália.

Porém, e acima de tudo, temos ainda a relação porto-cidade que marca o caráter dessas fundações. No sentido que estamos tomando, os portos focéus determinam cidades com um perfil e uma paisagem especializados. Esse perfil, como mencionamos anteriormente, e ao contrário do que é sugerido na tese do comércio jônio como defendida por Roebuck (1959), não é o de um mero centro de transferência de cargas para abastecimento das cidades-mães, mas sim um foco de contatos e comunicação entre grupos e populações heterogêneos (como afirmamos acima). Em consonância com o que defende Sanmarti-Grego (1990: 390-391) e como temos defendido (Tacla *et alii*, 2011), há uma classificação específica de tipos de paisagens escolhidas para fundações focéias – locais elevados junto à foz de um rio (fazendo a conexão com o interior do território) e locais rochosos (com território pequeno) às margens de angras profundas e amplas; locais propícios para o comércio. Todavia, isso não quer dizer que não fosse o território massaliota necessariamente inadequado à agricultura, como afirma a historiografia tradicional, mas tão somente que esta não era sua prioridade inicial, tendo sua *khóra* se desenvolvido posteriormente (e até para alimentação do comércio de vinho massaliota).

Considerações finais

A construção de modelos constitui, efetivamente, o reconhecimento e identificação de

(4) Também referida como IK 6.4.26, disponível em: Ásia Minor, IMT NoerdTroas 6 <http://epigraphy.packhum.org/inscriptions/main>, Último acesso em: 15/09/2009.

padrões na documentação, seja ela arqueológica ou textual. No presente caso, o reconhecimento de uma “padronização” e da existência de um modelo fundamenta-se em dois pontos. Em primeiro lugar, a natureza do assentamento e, em segundo lugar, e decorrente do primeiro, o contexto de cada fundação. Somente a partir desses fatores é que podemos encontrar a coordenação e padronização de aspectos físicos, geográficos, culturais e sociais que levem à compreensão de tipos coloniais distintos.

Pela tradição literária, o “modelo focu” de cidade corresponderia a um tipo de cidade de caráter essencialmente comercial, com pequena *khóra*, território pedregoso não adequado para a agricultura, mas com bons portos, que dominam a forma da cidade, a qual é fortificada. Confrontado com achados arqueológicos vemos que os portos da Focéia e de suas colônias evidenciam portos marítimos facilmente defensáveis e estabelecidos nas proximidades de assentamentos indígenas ou em rotas de conexão com eles.

Como vimos argumentando, o “modelo focu” de cidade mostra-se alicerçado em três

aspectos fundamentais: paisagem adequada à atividade comercial; morfologia urbana dominada pelo porto, voltada para o mar e integrada com o interior por vias terrestres ou fluviais; e por fim, a *koiné*, que garantia uma unidade cultural dentro de uma rede colonial. Isso significa que o “modelo focu” não é definido como um padrão de desenho urbano como pretendia Martin, mas sim de modo colonial (aqui incluídos colonialismo e tipo de colônia), onde a relação porto-cidade mostra-se estratégica e crucial. Consideramos, pois, Massália como *cidade focéia*, porque estabelecida dentro dos parâmetros focuus – bom porto natural, fechado, protegido, com conexão para o interior e dominando a forma urbana. Não só seguia ela o *éthos* colonial focu, como tornou-se o centro da rede focéia, substituindo a cidade-mãe.

A nosso ver, a resposta para a contenda em torno do “modelo focu” encontra-se, de fato, na correlação entre natureza do assentamento, paisagem e tradição cultural; uma combinação nada estranha à tradição massaliota e focéia em geral. Em suma, é esse *éthos* colonial associado ao caráter portuário que constitui a base do “modelo focu”

TACLA, A.B. ‘Massilia, Phocaean city: myth or reality?’ Observations from the harbour-city relationship. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 12: 111-123, 2011.

Abstract: In 1973, Roland Martin defined Massilia as the Phocaean city *per se*. Since then a lot has been discussed about the relationship of that apoikia and its mother-city, Phocaea, as well as the consequent maintenance of Phocaean commercial and cultural network in the Western Mediterranean. In that sense, studies on Massiliot identity have followed towards the definition of its singular character; likewise the analyses of Phocaean cities in the West have questioned the actual existence of a Phocaean city model. In face of such a scenario, I propose to recapture the discussion on the matter of Massilia’s Phocaean character. Thus, by analysing both the archaeological record (especially the finds from the ancient Lacydon) and the ancient texts on Massilia’s foundation, I will discuss the articulation between harbour and city in the construction of the ‘ideal’ of Phocaean city and of the Massiliot identity in particular.

Keywords: Urbanism – Urban morphology – Harbour – Greek colonisation – Massilia – Identity.

Referências bibliográficas

- ATHENAEUS
1993 *The Deipnosophists*. London/ Cambridge, Mass, Heinemann/ Harvard University Press (Loeb classical library).
- AVIENUS
1977 *Ora maritime*. Chicago, Ares Publishers.
- BATS, M.; TRÉZINY, H.
1999 La città focee. In: Greco, E. (Ed.) *La città greca antica: istituzioni, società e forme urbane*. Roma, Donzelli: 395-412.
- BHABHA, H.
2006 *The Location of Culture*. London: Routledge.
- BLACKMAN, D.J.
2008 Sea Transport, Part 2: Harbors. In: Oleson, J.P. (Ed.) *The Oxford Handbook of Engineering and Technology in the Classical World*. Oxford, Oxford University Press: 638-670.
- BRESSON, A.
1993 Les cités grecques et leurs emporia. In: Bresson, A.; Rouillard, P. (Eds.) *L'Emporion*. Paris, Diffusion De Boccard, Publications du Centre Pierre Paris 26 (URA 991): 163-226.
- CASEVITZ, M.
1993 Emporion: emplois classiques et histoire du mot. In: Bresson, A.; Rouillard, P. (Eds.) *L'Emporion*. Paris, Diffusion De Boccard, Publications du Centre Pierre Paris 26 (URA 991): 9-20.
- CHADWICK, J.
1990 The Pech Maho Lead. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 82: 161-166.
- DIETLER, M.
2005 The archaeology of colonization and the colonization of archaeology: theoretical challenges from an ancient Mediterranean colonial encounter". In: Stein, G. (Ed.) *The archaeology of colonial encounters: comparative perspectives*. Santa Fe/ Oxford, School of American Research Press/ James Currey (School of American Research advanced seminar series): 33-68.
- DOMINGUEZ, A.J.
2002 Greeks in Iberia: Colonialism without Colonization. In: Lyons, C.L.; Papadopoulos, J.K. (Eds.) *The archaeology of colonialism*. Los Angeles, California, Getty Information Institute (Issues & debates): 65-95.
- 2004 Greek Identity in the Phocaeen Colonies. In: Lomas, K. (Ed.) *Greek identity in the Western Mediterranean: papers in honour of Brian Shefton*. Leiden, Brill (Mnemosyne, bibliotheca classica Batava. Supplementum 246): 429-455.
- HANSEN, M.H.
2004 *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford, Oxford University Press.
- HERMARY, A.
2000 Les naiskoi votifs de Marseille. In: Hermary, A.; Tréziny, H. (Eds.) *Les cultes des cités phocéennes: actes du colloque international, Aix-en-Provence, Marseille, 4-5 juin 1999* (Études massaliètes 6). Aix-en-Provence (France), Edisud, Centre Camille-Jullian: 119-133.
- HERMARY, A.; HESNARD, A.; TRÉZINY, H. (Eds.)
1999 *Marseille Grecque – La cité phocéenne (600-49 av. J.C.)*. Paris, Éditions Errance.
- HESNARD, A., BERNARDI, P., MAUREL, C.
2001 La topographie du port de Marseille de la fondations de la cité à la fin du Moyen Age. In: *Marseille. Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René. Actes du colloque de Marseille 1999* (Études massaliètes 7). Aix-en-Provence: 159-202.
- JUSTIN
s/d *Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée*. Paris: Librairie Garnier Frères.
- LIVY
1919 *From the founding of the city*. London/ Cambridge, Mass: Heinemann/ Harvard University Press (Loeb classical library).
- LOMAS, K.
2006 Beyond Magna Graecia: Greeks and non-Greeks in France, Spain and Northern Italy, 500-300 BC. In: Kinzl, K.H. (Ed.) *A Companion to the Classical Greek World, 478-323 BCE*. Oxford, Blackwell: 174-196.
- LSJ LIDDELL, H.G.; SCOTT, R.
1996 *A Greek-English Lexicon (revised and augmented throughout by sir Henry Stuart Jones)*. Oxford: Clarendon Press.
- LYNCH, K.G.
1960 *Imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.
- MALKIN, I.
2001 Introduction. In: MALKIN, I. (Ed.) *Ancient Perceptions of Greek Ethnicity*. Washington, D.C., Center for Hellenic Studies Trustees for Harvard University (Center for Hellenic Studies colloquia 5): 1-28.

- 2003 Networks and the Emergence of Greek Identity. *Mediterranean Historical Review*, 18 (2): 56-74.
- 2004 Postcolonial concepts and Ancient Greek Colonization. *Modern Language Quarterly*, 65 (3): 341-364.
- 2005 Introduction. In: MALKIN, I. (Ed.) *Mediterranean paradigms and classical antiquity*. London, Routledge: 1-8.
- MARTIN, R.
 1987 *Architecture et urbanisme*. Rome, École française de Rome (Collection de l'École française de Rome, 99).
- MELE, A.
 1979 *Il Commercio Greco Arcaico: Prexis ed Emporie*. Naples, Institut Français de Naples (Cahiers du Centre Jean Bérard IV).
- MILLET, B.; BLANC, F.; MORHANGE, C.
 2000 Modélisation numérique de la circulation des eaux dans le Vieux Port de Marseille vers 600 av. J.-C. *Méditerranée - revue géographique des pays méditerranéens*, 94 (1-2): 61-64.
- MOREL, J.-P.
 1999 Marseille, cité phocéenne. In: Hermay, A.; Hesnard, A.; Tréziny, H. (Eds.) *Marseille Grecque - La cité phocéenne (600-49 av. J.-C.)*. Paris, Editions Errance: 157-163.
- 2006 Phocaean Colonisation. In: Tsetskhladze, G.R. (Ed.) *Greek colonisation: an account of Greek colonies and other settlements overseas*. Leiden, Brill (Mnemosyne, bibliotheca classica Batava, 193): 358-428.
- MOREL-DELEDALLE, M.
 1999 Du mythe à la recherche. In: Hermay, A.; Hesnard, A.; Tréziny, H. (Eds.) *Marseille Grecque - La cité phocéenne (600-49 av. J.-C.)*. Paris, Editions Errance: 9-11.
- OSBORNE, R.
 1998 Greek settlement in the West. In: Fischer, N.; Van Wees, H. (Eds.) *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*. London, Classical Press of Wales/Duckworth: 251-269.
- OSBORNE, R.; CUNLIFFE, B.W. (EDS.)
 2005 *Mediterranean urbanization 800-600 BC*. Oxford: Oxford University Press (Proceedings of the British Academy 126).
- ROBERTS, J.
 2005 *The Oxford Dictionary of the Classical World*. Oxford: Oxford University Press.
- RODRÍGUEZ SOMOLINOS, H.
 1996 The Commercial Transaction of the Pech Maho Lead: a New Interpretation. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 111: 74-78.
- ROEBUCK, C.
 1959 *Ionian trade and colonization*. New York: Archaeological Institute of America (Monographs on archaeology and fine arts 9).
- SARTIAUX, F.
 1921 Nouvelles recherches sur le site de Phocée. *Comptes rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, Paris: 119-129.
- SANMARTÌ-GREGO, E.
 1990 Emporion, port grec a vocation ibérique. *La Magna Grecia e il lontano occidente. Atti del Convegno di Studi Sulla Magna Grecia XXIX, Taranto 6-11 Ottobre 1989*. Taranto, Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia: 389-410.
- SANTIAGO, R.-A.
 2003 Las láminas de plomo de Ampurias y Pech Maho revisitadas. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 144: 167-172.
- STEIN, G.
 2005 Introduction: The Comparative Archaeology of Colonial Encounters⁸. In: STEIN, G. (Ed.) *The archaeology of colonial encounters: comparative perspectives*. Santa Fe/ Oxford, School of American Research Press/ James Currey (School of American Research advanced seminar series): 3-31.
- STRABO
 1917 *The Geography*. London/ Cambridge, Mass: Heinemann/ Harvard University Press (Loeb classical library).
- TACLA, A.B.
 2001 Diplomacia e Hospitalidade: Um estudo dos contatos entre Massália e as tribos de Vix e Hochdorf. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado.
- TACLA, A.B.; FLORENZANO, M.B.B.; PONTIN, P.B.; ABRAMO, M.C.C.
 2011 A natureza da cidade portuária e a relação porto-portas em contextos helênicos. In: Hirata, E.; Kormikiari, M.C.; Aldrovandi, C.E.V. (Eds.) *Estudos sobre o espaço na Antiguidade*. São Paulo, EDUSP/FAPESP: 157-194.
- TSETSKHLADZE, G.R.
 1998 Who Built the Scythian and Thracian Royal and Elite Tombs? *Oxford Journal of Archaeology*, 17 (1): 55-92.
- 2006 Introduction: Revisiting Ancient Greek Colonisation. In: Tsetskhladze, G.R. (Ed.)

- Greek Colonisation: an account of Greek colonies and other settlements overseas.* Leiden, Brill: xxiii-xxxiii.
- WILSON, J.-P.
- 1997 The nature of Greek overseas settlements in the archaic period: emporion or apoikia? In: Mitchell, L.G.; Rhodes, P.J. (Eds.) *The development of the polis in archaic Greece.* London, Routledge: 110-114.
- 2006 'Ideologies' of Greek Colonization. In: Bradley, G.; Wilson, J.-P. (Eds.) *Greek and Roman Colonization: origins, ideologies and interactions.* Swansea, Classical Press of Wales: 25-57.